

---

## Governo recua de decisão de aumentar contribuição

### Sobrecarga tributária

O governo bem que tentou, com promessas de compensar empresários pelo aumento da contribuição previdenciária – de 20% para 20,6% –, contornar os protestos contra o aumento de impostos. Mas, nesta terça, o debate ganhou um ingrediente explosivo: dados da Receita Federal mostram que o aumento da carga tributária sob Lula foi muito além do esperado. Ficou difícil segurar mais um aumento de tributos.

### Recuo federal

A pressão social contra o aumento da contribuição previdenciária foi tamanha que o governo foi obrigado a recuar e encontrar outra maneira de pagar os atrasados devidos aos aposentados. Agora, o governo pretende tirar os R\$ 2,3 bilhões necessários por ano do próprio Orçamento Geral da União.

### Recorde

A arrecadação de impostos de junho passado foi recorde histórico para esse mês do ano – R\$ 26,566 bilhões, um aumento de 28,23% em relação aos R\$ 19,533 bilhões de junho de 2003. A arrecadação dos seis primeiros meses de 2004, que ficou em R\$ 155,874 bilhões, teve crescimento real (descontada a inflação) de 8,81% em relação ao mesmo período de 2003.

### Campeã

Sozinha, a Cofins (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social) rendeu R\$ 7,186 bilhões em junho, um aumento de 40,79% em relação ao mesmo mês do ano passado. No semestre, subiu 21,21% – R\$ 36,32 bilhões contra os R\$ 28,22 bilhões recolhidos de janeiro a junho de 2003. De maio para junho deste ano, a Cofins teve um crescimento real de 4,32%.

### Explicação oficial

O secretário-adjunto da Receita Federal, Ricardo Pinheiro, negou que o resultado seja reflexo de aumento da carga tributária. Segundo ele, a recuperação da economia e o aumento das importações tiveram impacto significativo na arrecadação.

### Razão real

A arrecadação da Cofins começou a crescer depois que foi alterada a forma de tributação da contribuição, que passou a ser não cumulativa e teve a alíquota elevada de 3% para 7,6%. Outro fator que tem contribuído para o aumento da Cofins é a elevação da alíquota de 3% para 4% cobrada das instituições financeiras.

### Qual coelho?

Os empresários desconfiavam da promessa do governo de compensar o aumento da contribuição

patronal à Previdência, decidido como forma de financiar o pagamento de atrasados aos aposentados. “Eu não sei que coelho o ministro [Antonio] Palocci [Fazenda] vai tirar da cartola, porque, até agora, o que nós temos visto é aumento de impostos sem compensação nenhuma”, disse ontem o vice-presidente da Fiesp, Roberto Nicolau Jeha.

### **Não é comigo**

Enquanto fervia a reação à decisão de aumentar a contribuição das empresas à Previdência, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, participava de um seminário com empresários. Lá, foi cobrado do aumento de tributos. Furlan evitou falar do tema e disse que o assunto foge à sua pasta.

### **Agenda positiva**

Furlan prometeu aos empresários que a partir do próximo mês terá início o Modermaq, programa de financiamento da compra de máquinas, pelo qual o BNDES vai destinar uma linha de R\$ 2,5 bilhões para a modernização do parque industrial.

### **Fica como está**

Uma vez que a meta de inflação de 2005 foi reduzida para 4,5%, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) não tem muito a fazer a não ser manter a taxa de juros de 16%, com todos os prejuízos que isso acarreta para a parte da dívida corrigida pela Selic e para o investimento produtivo. A decisão do Copom sai hoje.

### **Assim falou... *George W. Bush***

*“Quero ser o presidente da paz.”*

Do presidente dos EUA, que levou seu país à guerra contra o Afeganistão e contra o Iraque, em campanha em Iowa.

### **É a política, estúpido!**

Em 1992, um assessor político do então candidato democrata à Casa Branca teria dado a Bill Clinton a chave para derrotar Bush pai: “É a economia, estúpido!”, teria dito ele, referindo-se ao flanco vulnerável do então presidente republicano. A boutade tinha lá sua verdade, mas note-se que a decisão de explorar a fragilidade do desempenho econômico da administração de Bush pai foi, em primeiro lugar, política. Muita gente no Brasil crê que a chave das eleições — tanto as próximas, municipais, quanto as de 2006 — é a economia. Parece corriqueiro e até óbvio que um governo que logre um sucesso econômico extraordinário tenda a ser referendado nas urnas.

Mas não é bem assim. Alguma memória se faz necessária. O PT de Lula começou a ganhar as eleições de 2002 nas eleições municipais de 2000, quando a economia brasileira cresceu 4,36%. Essa avaliação, ressalte-se, é do então presidente do PT, José Dirceu. Não só a economia crescia mais do que agora como o desemprego era muito menor do que os atuais 12,2% — não chegava a 8%. E, no entanto, o

principal partido de oposição sagrou-se vitorioso naquele pleito. Foi a política. Será agora e depois também a política.

\* A coluna é produzida pelo site Primeira Leitura — [www.primeiraleitura.com.br](http://www.primeiraleitura.com.br)

**Date Created**

21/07/2004